

Didática e Paulo Freire: apontamentos sobre a pedagogia dialógica relacional

Resumo

Este artigo propõe uma investigação didática na perspectiva dialógica e relacional presente na obra de Paulo Freire, por seu papel na sustentação de um projeto político-pedagógico emancipatório. Inserido no contexto dos grupos de pesquisa NAPE/Udesc e GEPDiM/UFSC, o estudo problematiza a atividade de ensino e a formação docente, enfatizando o diálogo como ontologia, isto é, como condição da existência humana, e como epistemologia, ou seja, como base da produção coletiva e crítica do conhecimento, na práxis educativa que reconhece a incompletude humana e as relações educativas horizontalizadas. A investigação adota uma abordagem exploratória e hermenêutica, baseada na análise crítica de oito obras de Freire, que definem as categorias-chave de diálogo, relação, compromisso social e experiência ético-estética. Essas categorias são analisadas como pilares de uma Didática Crítica contrária à visão técnico-instrumental, configurando-se teoria, prática e política de transformação social. A primeira seção enfatiza o diálogo como eixo ontológico e epistemológico do ato educativo. A segunda aprofunda a dimensão relacional, destacando corresponsabilidade, a alteridade e a escuta ativa como fundamentos pedagógicos. Na terceira, discute-se a didática do compromisso e da corresponsabilidade ético-estética, reforçando a formação docente como um processo ético-político comprometido com a humanização, a ciência e a reinvenção pedagógica. Com Libâneo, Pimenta e Bazzo, o texto sustenta que a pedagogia freiriana oferece bases para pensar a Didática como ciência do ensino que articula ética, política e estética em práticas pedagógicas emancipadoras. O estudo reafirma o diálogo e a relação pedagógica para a formação de professores críticos, comprometidos com a mudança social.

Palavras-chave: didática crítica; pedagogia; formação docente; Paulo Freire; diálogo.

Para citar este artigo:

BAZZO, Jilvania Lima dos Santos; SOUZA, Alba Regina Battisti de. Didática e Paulo Freire: apontamentos sobre a pedagogia dialógica relacional. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 27, n. 63, p. 97-115, jan./abr. 2026.

DOI: 10.5965/1984723827632026097

<http://dx.doi.org/10.5965/1984723827632026097>

Jilvania Lima dos Santos Bazzo

Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC – Florianópolis/SC –
Brasil
jilvania.bazzo@ufsc.br

Alba Regina Battisti de Souza

Universidade do Estado de Santa
Catarina – UDESC – Florianópolis/SC
– Brasil
alba.faed@gmail.com

Didactics and Paulo Freire: notes on relational dialogical pedagogy

Abstract

This paper proposes a didactic investigation grounded in the dialogical and relational perspective present in the work of Paulo Freire, given its role in sustaining an emancipatory political-pedagogical project. Situated within the research groups NAPE/Udesc and GEPDiM/UFSC, the study problematizes teaching activity and teacher education, emphasizing dialogue as ontology, understood as a condition of human existence, and as epistemology, that is, as the basis for the collective and critical production of knowledge in an educational praxis that recognizes human incompleteness and horizontalized pedagogical relations. The investigation adopts an exploratory and hermeneutic approach, based on the critical analysis of eight of Freire's works, which delineate the key concepts of dialogue, relation, social commitment, and ethical-aesthetic experience. These concepts are examined as pillars of a Critical Didactics opposed to a technical-instrumental perspective, configuring theory, practice, and politics oriented toward social change. The first section emphasizes dialogue as the ontological and epistemological axis of the educational act. The second deepens the relational dimension, highlighting co-responsibility, alterity, and active listening as pedagogical foundations. The third discusses the didactics of commitment and ethical-aesthetic co-responsibility, reinforcing teacher education as an ethical-political process committed to humanization, scientific rigor, and pedagogical reinvention. Drawing on Libâneo, Pimenta, and Bazzo, the text argues that Freirean pedagogy provides solid bases for understanding Didactics as a science of teaching that articulates ethics, politics, and aesthetics in emancipatory pedagogical practices. The study reaffirms the centrality of dialogue and pedagogical relations for the formation of critical teachers committed to social transformation.

Keywords: critical didactics; pedagogy; teacher education; Paulo Freire; dialogue.

Didáctica y Paulo Freire: apuntes sobre la pedagogía dialógica relacional

Resumen

Este artículo propone una investigación didáctica desde la perspectiva dialógica y relacional presente en la obra de Paulo Freire, debido a su papel en la sustentación de un proyecto político-pedagógico emancipador. Inserto en el contexto de los grupos de investigación NAPE/Udesc y GEPDiM/UFSC, el estudio problematiza la actividad de enseñanza y la formación docente, enfatizando el diálogo como ontología, es decir, como condición de la existencia humana, y como epistemología, como base para la producción colectiva y crítica del conocimiento en una praxis educativa que reconoce la incompletud humana y las relaciones pedagógicas horizontalizadas. La investigación adopta un enfoque exploratorio y hermenéutico, basado en el análisis crítico de ocho obras de Freire, que delinean los conceptos clave de diálogo, relación, compromiso social y experiencia ético-estética. Estos conceptos se analizan como pilares de una Didáctica Crítica contraria a la visión técnico-instrumental, configurándose como teoría, práctica y política orientadas a la transformación social. La primera sección enfatiza el diálogo como eje ontológico y epistemológico del acto educativo. La segunda profundiza la dimensión relacional, destacando la corresponsabilidad, la alteridad y la escucha activa como fundamentos pedagógicos. La tercera discute la didáctica del compromiso y de la corresponsabilidad ético-estética, reforzando la formación docente como un proceso ético-político comprometido con la humanización, el rigor científico y la reinención pedagógica. Con Libâneo, Pimenta y Bazzo, el texto sostiene que la pedagogía freireana ofrece bases sólidas para comprender la Didáctica como ciencia de la enseñanza que articula ética, política y estética en prácticas pedagógicas emancipadoras. El estudio reafirma la centralidad del diálogo y de la relación pedagógica para la formación de docentes críticos comprometidos con el cambio social.

Palabras clave: didáctica crítica; pedagogía; formación docente; Paulo Freire; diálogo.

1 Introdução

Este texto insere-se no campo de estudos que problematiza a formação docente e a prática educativa a partir de uma perspectiva crítica e comprometida com a transformação social e com o reconhecimento dos processos didáticos historicamente situados (Pimenta, 1999, 2023). A investigação está articulada às discussões desenvolvidas no âmbito de dois grupos de pesquisa interinstitucionais: o NAPE, Laboratório e Grupo de Pesquisa: Didática e Formação Docente, vinculado à Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc), e o GEPDIM, Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e suas Multidimensões, sediado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ambos os grupos são certificados pelas suas instituições no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Suas atividades se organizam em torno da investigação teórico-metodológica no campo da Didática e Formação de professores, articulando produção científica, formação de pesquisadores e desenvolvimento de projetos que integram ensino, pesquisa e extensão.

A reflexão parte da compreensão de que a pedagogia de Paulo Freire, em sua radicalidade ética e política, funda-se na dialogicidade e historicidade como ato de existência e de conhecimento. Não se trata, portanto, de uma técnica entre outras, mas de uma ontologia da práxis educativa, que reconhece a incompletude do ser humano, sua capacidade de intervir no mundo e a urgência de relações educativas que se realizem no vínculo e na escuta ativa. Nesse horizonte, saber, educar e existir são dimensões inseparáveis de uma mesma experiência relacional. A educação, portanto, é sempre ato implicado com o outro, com a realidade e com o presente-futuro.

A problemática que orienta este trabalho surge de um conjunto de inquietações sobre os sentidos do diálogo, da escuta e da relação pedagógica na atualidade: como compreender o diálogo em sua dimensão epistemológica e experiência ético-estética, para além de uma estratégia comunicativa? Como construir relações educativas horizontalizadas, que reconheçam a dignidade do outro e a potência do encontro? Como sustentar, na formação docente, um compromisso que seja simultaneamente ético e estético, em tempos de desumanização e neotecnicismo?

Para abordar essas questões, adota-se um referencial teórico centrado nas produções freirianas consideradas fundantes da pedagogia crítica latino-americana: *Educação como prática da liberdade* (1967), *Educação e Mudança* (1969), *Pedagogia do oprimido* (1970), *Extensão ou comunicação?* (1971), *Política e Educação* (1985), *Pedagogia da esperança* (1994), *Pedagogia da autonomia* (1996) e *Pedagogia do Compromisso* (2005). A escolha desses textos se justifica pela centralidade que conferem às categorias de diálogo, relação, compromisso social, experiência ético-estética e práxis na constituição de uma educação humanizadora e transformadora. Essas obras permitem articular as dimensões ontológica, ética e política da relação pedagógica, oferecendo bases para uma análise orgânica do pensamento freiriano, sem reduzi-lo a funções instrucionais.

Quanto à abordagem metodológica adotada, trata-se de um estudo de natureza exploratória e hermenêutica, voltado à interpretação crítica dos fundamentos conceituais da pedagogia freiriana no campo da Didática. Assume-se uma hermenêutica de base crítica (Ghedin; Franco, 2025) que não se limita à reconstrução textual, mas busca desvelar sentidos formativos, epistemológicos e políticos implicados na constituição de uma didática fundada na relação entre sujeitos e do modo como estão e são no mundo, e, como afirmam os autores (Ghedin; Franco, 2025, p. 141): “O modo de ser no mundo constitui uma maneira de interpretá-lo, e essa interpretação revela-se na tentativa do sujeito de dar-lhe significado que o faça compreender-se como parte dele.”

A opção por esse caminho justifica-se diante da necessidade de reafirmar a densidade ética e ontológica do pensamento de Freire, sobretudo frente às reduções funcionalistas e tecnicistas que persistem no debate educacional contemporâneo, sob outras configurações, porém mantendo a intenção de expropriar a docência da dimensão humana, criativa e crítica. Em um tempo marcado por esvaziamentos discursivos e pelo apagamento do sentido político da formação docente e da acentuação do individualismo, a escuta ativa e o compromisso com o outro constituem categorias decisivas para a reinvenção da práxis educativa.

Ao mesmo tempo, é preciso reconhecer que, na tentativa de se distanciar dessas perspectivas tecnicistas, certas abordagens educacionais acabam por relegar a dimensão científica que sustenta a docência. Em alguns casos, a defesa da espontaneidade, da sensibilidade ou da criatividade termina por enfraquecer o pensamento científico, o

método e a análise rigorosa que orientam a produção do conhecimento em educação. Ensinar implica articular criticidade e rigor, criação e fundamento, diálogo e investigação sistemática, sob o risco de comprometer a consistência teórica e metodológica da prática pedagógica.

A análise proposta organiza-se em três seções, a partir de cinco categorias-chave que atravessam o pensamento freiriano: diálogo, relação horizontal, escuta ativa, compromisso e experiência ético-estética. Na primeira seção, discute-se o *diálogo como eixo ontológico e epistemológico*, com ênfase na dialogicidade como fundação do ato educativo. A segunda seção trata da *dimensão relacional da educação*, abordando a constituição humana na e pela relação pedagógica, com destaque para a interdependência entre os sujeitos como princípio humanizador. Por fim, a terceira seção analisa a *didática do compromisso e a corresponsabilidade ético-estética*, entendidas como experiências e atitudes fundantes de um fazer docente sensível, consciente e politicamente implicado.

Ao propor uma leitura da pedagogia freiriana à luz de suas dimensões dialógicas e relacionais, o texto busca contribuir para o fortalecimento de práticas formativas comprometidas com a escuta, o diálogo e a dignidade humana, pilares ético-estéticos de uma Didática que se deseja crítica, implicada e transformadora.

2 O diálogo como eixo ontológico e epistemológico

O diálogo assume, na obra de Freire, um lugar central. Superando-o como instrumento de comunicação, ele é concebido como categoria ontológica fundamental para a compreensão do ser humano e da prática educativa. Para Freire, dialogar significa ser-no-mundo com o outro, numa relação de alteridade e intersubjetividade que configura a essência da existência humana. Essa concepção transcende a dimensão instrumental do diálogo, situando-o como condição de possibilidade para a práxis educativa e para a produção do conhecimento crítico e emancipatório.

Freire (1967, p. 79) afirma que “o diálogo se impõe como o modo como os homens ganham significação como tais”, ressaltando que o ser humano não se constitui isoladamente, mas na mediação com o mundo e com os outros. Essa mediação é

constitutiva da identidade e da consciência, que só se realizam na práxis dialógica, entendida como movimento contínuo entre ação e reflexão. Desse modo, a dialogicidade é uma ontologia da práxis, uma forma de ser que implica na abertura para o outro, no reconhecimento da diferença e no compromisso ético-político com a transformação da realidade.

No campo epistemológico, o diálogo propõe uma ruptura radical com a educação bancária, caracterizada pela transmissão unilateral de conhecimentos e pela objetificação do(a) educando(a). Conforme Freire (1970, p. 81), “dialogar não é consumir ideias, mas produzi-las; não é depositar conhecimento, mas cocriá-lo com os outros”. Dessa forma, o conhecimento advém da problematização coletiva da realidade, em que educadores(as) e educandos(as) atuam como sujeitos históricos, capazes de pensar criticamente e intervir em seu contexto. O diálogo configura uma postura epistemológica que valoriza a cooperação, a escuta ativa e a reflexão compartilhada, rompendo com o isolamento cognitivo e a alienação.

Freire (1994) reafirma que o diálogo não se sustenta sem a crença na capacidade das pessoas de reinventar o mundo. A esperança, compreendida como força ontológica e política, constitui-se em fundamento da prática educativa comprometida com a transformação da realidade. Não se trata de uma esperança ingênua, mas de uma esperança crítica, que movimenta os processos pedagógicos, com base no compromisso ético e na humanização.

Essa concepção freiriana do diálogo encontra consonância nas discussões da Didática Crítica (Longarezi; Pimenta; Puentes, 2023), que se configura como ciência do ensino orientada por princípios ético-políticos e filosóficos. Autores como Libâneo (2015) ressaltam que o processo de ensino-aprendizagem é inerentemente dialógico, na medida em que pressupõe uma interação intencional entre sujeitos para a construção do conhecimento. A socialização concebida enquanto processo de pertencimento e de relação, conforme Melo e Pimenta (2019), requer uma reflexão acurada sobre a intencionalidade pedagógica. Essa atitude exige do professor e da professora uma escuta ativa e respeito à alteridade, elementos indispensáveis para a construção de relações horizontais e significativas. Bazzo (2024, 2019) complementa essa perspectiva ao enfatizar que o ensino não é mero ato técnico, mas uma prática social e política que

demanda compromisso ético, diálogo autêntico e corresponsabilidade entre todos os envolvidos.

Entretanto, o diálogo freiriano (Quadro 1) não se reduz a uma relação harmoniosa entre iguais; ele é atravessado por tensões políticas, pela luta contra as opressões e pelas contradições sociais que marcam o processo educativo. A dialogicidade implica uma atitude crítica, que desafia as estruturas de poder e as práticas desumanizadoras. Isso reforça a importância de compreender o diálogo como um eixo ontológico e epistemológico que orienta a Didática para além do planejamento e da técnica, conferindo-lhe dimensão, intencionalmente organizada, humanizadora e transformadora.

Quadro 1 – O diálogo em Freire: fundamentos para a Didática como ciência do ensino

Obra (contexto de publicação)	Categoria de análise (Diálogo)	Citação direta	Relações com a Didática (ensino-aprendizagem)
Educação como prática da liberdade (1967)	O diálogo é fundante da consciência crítica e da humanização.	“O diálogo se impõe como o modo como os homens ganham significação como tais. [...] Ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” (Freire, 1967, p. 79-80)	Fundamenta práticas docentes que reconhecem o outro como sujeito e o mundo como mediação. Alinha-se à Didática que rompe com o ensino transmissivo.
Extensão ou comunicação? (1971)	Crítica à ideia de transmissão unilateral de conhecimento. Valoriza a comunicação dialógica.	“Extensão, como a entendem os tecnocratas, nega o diálogo. O educador impõe saberes, e o educando os consome. Ao contrário, a comunicação implica na troca, na escuta, no reconhecimento mútuo.” (Freire, 1971, p. 34)	Sustenta uma prática de ensino baseada na escuta ativa, na mediação e na dialogicidade, princípios centrais da Didática Crítica.
Pedagogia do oprimido (1970)	O diálogo como atitude e experiência ético- estética, política e epistemológica.	“Dialogar não é consumir ideias, mas produzi-las; não é depositar conhecimento, mas cocriá-lo com os outros.” (Freire, 1970, p. 81)	Base teórico-metodológica para uma pedagogia problematizadora, que estrutura o processo de ensino em torno da problematização da realidade.
Pedagogia da autonomia (1996)	O diálogo como princípio que orienta a experiência ético- estética do ensinar.	“Ensinar exige risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação. Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.” (Freire, 1996, p. 26)	Articula-se ao princípio da intencionalidade pedagógica da Didática Crítica: o(a) educador(a) ensina problematizando e acolhendo os saberes do(a) educando(a).

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Diante desse quadro, torna-se evidente que o diálogo, na perspectiva freiriana, é o fundamento para repensar o ensino como ato ético-político, que articula saberes, valores e práticas numa relação social de interdependência. O(a) educador(a) deixa de ser transmissor(a) e se constitui mediador(a) e pessoa comprometida, capaz de criar espaços pedagógicos que promovam a autonomia, o pensamento crítico e a solidariedade.

Na obra *Educação como prática da liberdade*, o diálogo é atitude e experiência ético-estética no processo de constituição da subjetividade e da consciência crítica. Ensinar, nessa chave, não se traduz em transferir conteúdos, mas em criar condições para que os sujeitos leiam o mundo e a si mesmos como partes fundantes para conhecer e transformar a História em curso. Esse fundamento ético e antropológico informa a Didática como prática que visa à emancipação e à autonomia.

Em *Extensão ou comunicação?*, Freire radicaliza a crítica à educação bancária ao distinguir dois modos de relação pedagógica: o da imposição e o da comunicação. É nessa última que se situa o diálogo como fundamento da ação educativa transformadora, na qual educador(a) e educando(a) se colocam em constante movimento de escuta, fala e reconstrução. Tal dinâmica está na base do ensino como prática crítica reflexiva, que se opõe ao tecnicismo e à neutralidade.

Já em *Pedagogia do oprimido*, Freire afirma que "dialogar é criar com o outro e não sobre o outro". O diálogo, nesse sentido, é radicalmente político e epistemológico. Ao substituir a transferência por problematização, o autor estabelece um paradigma metodológico para o ensino: o aprender como ato de desvelamento da realidade.

Por fim, em *Pedagogia da autonomia*, o diálogo se consolida como expressão e experiência da atitude ética do(a) educador(a) comprometido(a). A valorização dos saberes dos(as) educandos(as), a escuta ativa e a recusa ao autoritarismo são alguns dos princípios didáticos que articulam a filosofia educacional freiriana à formação docente crítica.

Isso posto, a concepção dialogal assumida pela Didática Crítica fundamentada nas obras freirianas se apresenta como uma alternativa frente aos modelos pedagógicos instrucionistas e tecnicistas, oferecendo um caminho para a formação de sujeitos emancipados e conscientes de seu papel no mundo.

3 A dimensão relacional da educação

Na perspectiva freiriana, o ato de ensinar não pode ser dissociado da qualidade das relações humanas que o sustentam. Longe de uma neutralidade pedagógica, Freire insiste que ensinar é um ato político e, por isso mesmo, um ato profundamente humano, ético e relacional. A relação pedagógica, nesse sentido, não se reduz a um encontro de convergências, mas constitui-se como um campo de tensões e contradições, permeado por disputas simbólicas, materiais e ideológicas. Ensinar e aprender envolvem sujeitos históricos que se encontram no mundo e com o mundo, mediados por suas experiências, saberes, valores e expectativas.

Nesse horizonte, a relação educativa é sempre relacional e política. Ela demanda horizontalidade (e não hierarquia), humildade epistemológica (e não arrogância docente), cuidado (e não vigilância ou controle), afetividade (e não indiferença), coragem ética (e não neutralidade). A construção do conhecimento, portanto, não se dá apenas pelo acúmulo de conteúdos, mas pela criação de um espaço comum no qual é possível esperar coletivamente, como Freire propõe em sua *Pedagogia da esperança*.

A formação docente exige agenciamentos culturais de determinadas qualidades relacionais. O(a) educador(a) freiriano(a) não é um técnico da instrução, mas um(a) intelectual comprometido(a), capaz de reconhecer os condicionamentos histórico-sociais que atravessam sua prática e, ainda assim, agir sobre eles com responsabilidade crítica e compromisso ético-político.

É justamente essa compreensão da relação pedagógica como espaço de potência ético-estética e política que desloca a Didática da concepção de técnica como neutralidade política e ideológica para o campo da formação crítica. A Didática, nesse enquadramento, torna-se ciência do ensino enquanto prática de emancipação. Tal perspectiva pedagógica exige relações pedagógicas que sejam capazes de sustentar processos de conscientização, libertação e criação de mundos socioculturais possíveis — como sintetizado no quadro teórico a seguir.

Quadro 2 – A relação humana na obra de Paulo Freire

Obra (contexto de publicação)	Categoria de análise (relação)	Citação direta	Relação com a Didática (ensino-aprendizagem)
<i>Educação como prática da liberdade</i> (1967)	Relação dialógica	“É na convivência com os homens, na comunicação com eles, na prática com eles, que o homem se forma como homem.” (p. 41)	A formação docente exige o reconhecimento da alteridade e do diálogo como fundamentos da prática pedagógica. A relação com o outro é constitutiva do ato de ensinar.
<i>Pedagogia do oprimido</i> (1970)	Relação entre sujeitos	“A relação opressor-oprimido é uma relação de desumanização. A superação desta contradição é a libertação dos oprimidos, mas não se faz ‘para’ os oprimidos, mas ‘com’ eles.” (p. 52)	A prática pedagógica exige a construção de relações de horizontalidade e coautoria. O ensino, compreendido como ato político e ético, supera a lógica de transmissão e se realiza como práxis dialógica, centrada na problematização da realidade.
<i>Pedagogia da esperança</i> (1994)	Relação como compromisso ético e experiência ético-estética	“É preciso amar os educandos. É preciso ter esperança neles. É preciso fazer com eles e não para eles.” (p. 69)	A relação pedagógica se dá no vínculo ético-estético entre educadores(as) e educandos(as). Ensinar exige compromisso afetivo, ético e político com os sujeitos em formação - atitude e experiência ético-estética.
<i>Pedagogia da autonomia</i> (1996)	Relação como escuta e respeito	“Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos.” (p. 23)	O ensino não pode ser autoritário. A escuta ativa e o reconhecimento da experiência do(a) outro(a) são pilares para a constituição de práticas pedagógicas significativas.
<i>Pedagogia do compromisso</i> (com Faundez, 2005)	Relação como responsabilidade política e compromisso ético	“A prática educativa se dá na relação entre sujeitos que se reconhecem na luta por transformação.” (p. 44)	A relação educativa está atravessada pela dimensão política da prática docente, que exige consciência crítica, responsabilidade e engajamento com a emancipação.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

Observa-se que a centralidade da relação humana na obra de Freire (Quadro 2) não se restringe a uma dimensão afetiva ou interpessoal. Trata-se, sobretudo, de uma categoria político-pedagógica que permeia a sua concepção de educação. A análise das obras do autor permite compreender que a relação educativa se estrutura como um espaço tensionado por forças históricas, éticas e epistemológicas. No quadro apresentado, são sintetizados os principais aportes que cada obra oferece à compreensão da relação como eixo constitutivo da área da Didática.

Em *Educação como prática da liberdade* (1967), escrita em um contexto anterior ao exílio de Freire, a relação é tematizada como possibilidade de libertação e humanização, desde que enraizada na problematização do mundo vivido. Ao indagar “Que liberdade é

essa que se exerce no silêncio, na negação do outro como sujeito?” (Freire, 1967, p. 52), o autor aponta para uma concepção de liberdade que funda a relação educativa não como liberalismo individualista, mas como construção coletiva e situada, que reconhece o outro como sujeito histórico. Tal concepção está na base de uma Didática que recusa o ensino como transmissão e o reconstrói como diálogo problematizador.

Em *Pedagogia do oprimido* (1970), obra publicada em 1968 por Paulo Freire durante o exílio no Chile, e no Brasil, só dois anos depois, a relação é compreendida como *lócus* de conflito e possibilidade. Longe de ser um encontro harmônico entre iguais, a relação pedagógica é atravessada por contradições sociais e por relações de poder que precisam ser desveladas durante esse processo. A crítica à pedagogia bancária e a proposição de uma pedagogia dialógica indicam que ensinar não é transferir saber, mas “um ato cognoscente” (Freire, 1970, p. 79) que implica escuta ativa, problematização e conhecimento mútuo partilhado. No campo da Didática, esse entendimento se traduz na valorização de práticas pedagógicas que mobilizem a crítica da realidade e a construção coletiva do conhecimento.

Em *Pedagogia da esperança* (1994), escrita após o processo de redemocratização no Brasil, Freire revisita suas formulações anteriores à luz de novas experiências e reafirma a dimensão ético-política da relação pedagógica. A esperança, nessa perspectiva, é compreendida como uma atitude histórico-crítica e uma experiência estética que exigem ação coletiva e compromisso com a transformação social. “A esperança não é um cruzar de braços, mas um se levantar para recomeçar” (Freire, 1994, p. 56). No campo da Didática, essa postura ou experiência estética se concretiza em produção de conhecimentos teóricos e metodologias capazes de estabelecer relações entre a ciência, a filosofia, a arte e a cultura popular, bem como criar estratégias de ensino movidas pelo desejo de aprender como forma de existir, resistir e transformar.

Pedagogia da autonomia (1996), escrita por Freire em um contexto pós-exílio e de intensa atuação político-pedagógica no Brasil, aprofunda as qualidades essenciais da relação docente-discente, enfatizando a humildade, o acolhimento e a responsabilidade ética do(a) educador(a). Freire afirma: “Ensinar exige respeito aos saberes dos educandos [...] exige segurança, competência profissional e generosidade” (Freire, 1996, p. 30). A autonomia não significa autossuficiência, mas corresponsabilidade ativa. A

relação pedagógica se fundamenta na horizontalidade e no reconhecimento da incompletude de todos os sujeitos implicados no processo educativo. Para a Didática, isso implica um deslocamento de foco: vínculo pedagógico entre sujeitos da aprendizagem e objetos do conhecimento. Nesse processo, ensinar é também aprender; e aprender é sempre um ato de liberdade.

A leitura transversal dessas obras permite afirmar que a relação, na perspectiva freiriana, constitui-se como um ato político e epistemológico, fundado na escuta ativa, no compromisso e na esperança. Trata-se de uma relação que mobiliza afetos, mas não se restringe a eles. É, sobretudo, assumir uma posição ético-estética no mundo, desafiando a lógica da dominação e propondo a partilha do saber como caminho de emancipação. A Didática agenciada a partir dessa concepção é relacional, crítica e transformadora, capaz de articular os conteúdos escolares às condições concretas de existência dos sujeitos.

Portanto, após a leitura do quadro teórico, requer mais do que uma observação linear: exige leitura acurada dos desdobramentos da relação humana como categoria constitutiva do ensinar e aprender. Cada obra analisada traz contribuições específicas que, articuladas, sustentam uma Didática Crítica Dialógica Relacional, centrada na produção de sentido, na problematização da realidade e na construção partilhada do conhecimento. Com isso, pretende-se oferecer para além de um levantamento conceitual, mas um mapa de princípios que fundamentam uma práxis docente comprometida com a emancipação.

A Didática, portanto, ao se afastar da perspectiva instrucionista, tecnicista ou instrumental, reafirma o valor da escuta ativa, do respeito à alteridade e da construção de vínculos de confiança entre educadores(as) e educandos(as). A relação de ensino é, para Freire, um exercício de solidariedade histórica, um espaço-tempo de construção conjunta do conhecimento e de reinvenção de mundos possíveis. Essa disposição ética e política implica um compromisso radical do(a) educador(a) com a dignidade da pessoa humana, com a emancipação coletiva e com a transformação das estruturas sociais de desigualdade, discriminação e opressões.

4 Didática do compromisso e corresponsabilidade ético-estética

A Didática Crítica Dialógica Relacional fundamenta-se numa ética da corresponsabilidade que convoca educadores(as) e educandos(as) a assumirem um compromisso coletivo com a transformação social. O diálogo freiriano não é um fim em si mesmo, mas um meio para a conscientização crítica e para a mobilização política dos sujeitos na luta por sua libertação. Freire (1970, 1994, 2005) distingue, em suas obras, diversos tipos de consciência: a consciência ingênua, que aceita passivamente a realidade como imutável; a consciência intransigente, marcada por um radicalismo que não reconhece mediações; a consciência mágica, que atribui poderes sobrenaturais para a transformação sem ação coletiva; e, por fim, a consciência crítica, que reconhece as contradições sociais e mobiliza-se para transformá-las.

Essa distinção é importante para compreender a dimensão ética e política da Didática do compromisso, na qual educadores(as) progressistas devem sustentar práticas pedagógicas que possibilitem a formação de uma consciência crítica e socialmente comprometida. As obras *Educação e Mudança* (1969) e *Política e Educação* (1985) aprofundam a dimensão da responsabilidade do(a) educador(a) nessa tarefa. Em *Educação e Mudança*, Freire enfatiza que a educação não é neutra, uma vez que toda ação ou a falta dela revela um posicionamento político e ideológico. Por essa razão, a atividade de ensino é entendida como prática social transformadora que questiona o *status quo* e mobiliza para a ação política, isto é, para a tomada de decisão e implicação com o mundo da vida e do trabalho. Já em *Política e Educação*, Freire reforça o papel do(a) educador(a) como agente político que, ao criar condições para a produção do conhecimento, compromete-se ética e estrategicamente com a construção de um projeto de sociedade orientado para a superação dos preconceitos, das desigualdades e de todas as formas de violência contra os seres vivos.

Assim, o compromisso ético-estético da Didática freiriana implica uma postura docente que ultrapassa a transmissão de conteúdos. O(A) educador(a) assume a posição de intelectual orgânico, que aprende com os(as) educandos(as) e media o acesso ao conhecimento como instrumento simbólico e cultural para ler e reescrever o mundo. Essa prática educativa, por sua vez, é um ato que conjuga ética e estética, envolvendo

sensibilidade, cuidado e compromisso para criar espaços pedagógicos pautados na escuta ativa e sensível, no respeito e na esperança.

Do ponto de vista didático, essa concepção tensiona as relações pedagógicas instrumentais e (neo)tecnicistas, superando tanto a hierarquia autoritária quanto o relativismo que dissolve o compromisso político e ético. O compromisso, nesse contexto, é inerente à prática docente e se manifesta na corresponsabilidade entre educadores(as) e educandos(as) que, como sujeitos históricos, precisam se conscientizar de sua incompletude e ser capazes de agir para transformar suas condições sociais de existência.

O quadro 3 sintetiza as contribuições das principais obras de Paulo Freire para a compreensão do compromisso e da corresponsabilidade na Didática Crítica Dialógica Relacional. Essas dimensões revelam-se fundamentais para a efetivação de uma educação comprometida com a conscientização crítica e a transformação social. Destacam-se as categorias centrais e suas implicações para a práxis pedagógica emancipatória.

Quadro 3 – Compromisso/corresponsabilidade na Didática dialógica relacional

Obra (contexto de publicação)	Categoria de análise (compromisso e corresponsabilidade)	Citação direta	Relação com a Didática (ensino-aprendizagem)
<i>Pedagogia do Oprimido</i> (1970)	Compromisso ético-político	“A prática educativa exige compromisso com a transformação da realidade, que não é tarefa de poucos, mas de todos os sujeitos.” (p. 87)	A Didática orienta-se por um compromisso coletivo e político, rompendo com práticas autoritárias e promovendo a participação ativa dos(as) educandos(as) na construção do conhecimento.
<i>Educação e Mudança</i> (1969)	Compromisso ético	“Educar é assumir a responsabilidade ética pela formação de sujeitos críticos que possam transformar o mundo.” (p. 35)	A prática didática torna-se um ato ético que envolve responsabilidade pela construção de uma educação libertadora e transformadora.
<i>Política e Educação</i> (1985)	Corresponsabilidade política e pedagógica	“O educador e os educandos compartilham a responsabilidade pela construção do conhecimento e da justiça social.” (p. 22)	A Didática passa a reconhecer a corresponsabilidade entre os envolvidos no processo educativo, enfatizando a cooperação, o

			cuidado mútuo e postura ético-política.
<i>Pedagogia da Esperança</i> (1994)	Compromisso e corresponsabilidade ética	“A esperança nasce do compromisso ético com o outro e da corresponsabilidade pela luta coletiva.” (p. 60)	O ensino-aprendizagem é um processo ético-estético no qual educadores(as) e educandos(as) partilham a responsabilidades pela transformação social.
<i>Pedagogia do Compromisso</i> (2005)	Corresponsabilidade ética-estética	“O compromisso do educador implica escuta, cuidado e a construção coletiva de sentido com os educandos.” (p. 44)	A Didática compreende-se como práxis pedagógica que articula o rigor ético à sensibilidade estética, promovendo a construção conjunta do conhecimento e a humanização dos sujeitos.

Fonte: elaborado pelas autoras (2025).

A análise das obras de Freire que compõem o quadro teórico revela a articulação imprescindível entre compromisso e corresponsabilidade na concepção de Didática Crítica Dialógica Relacional. Em *Pedagogia do Oprimido* (1970), o compromisso político é apresentado como fundamento para a prática educativa que visa à transformação social. Freire enfatiza que educar não é uma tarefa individual ou técnica, mas um ato coletivo que requer engajamento ético e político dos sujeitos envolvidos. Tal compromisso inaugura um modelo didático que rompe com a verticalidade autoritária, estabelecendo uma relação horizontal e participativa entre educadores e educandos.

Na obra *Educação e Mudança* (1969), o compromisso assume uma dimensão ética mais ampla, destacando a responsabilidade do(a) educador(a) na formação de sujeitos críticos e conscientes de sua capacidade de agir no mundo. A Didática pode ser configurada como uma prática investigativa que não pode ser neutra ou descompromissada. Pelo contrário, a escolha técnica é evidência de vinculação política e ideológica, porque científica e filosófica, o que expressa a ética da responsabilidade que orienta as escolhas pedagógicas rumo (ou não) ao processo de conscientização e emancipação.

Política e Educação (1985) reforça e amplia essa perspectiva ao destacar a corresponsabilidade política e pedagógica partilhada entre educadores(as) e educandos(as). A Didática não diz respeito ao corpo docente, mas é propriedade de um campo escolar de cooperação, no qual o conhecimento científico resulta de trabalho coletivo, incluindo gestão escolar, equipe pedagógica, familiares e comunidade externa. Essa corresponsabilidade implica uma abertura à diversidade, ao diálogo e à escuta ativa, aspectos indispensáveis para a constituição de uma educação transformadora.

O compromisso e a corresponsabilidade são também dimensões centrais em *Pedagogia da Esperança* (1994), que apresenta a esperança como força motriz da ação pedagógica, nascida do engajamento ético com o outro e da luta coletiva. Freire destaca que a prática educativa deve ser um espaço de partilha e de construção conjunta de sentido, em que educadores(as) e educandos(as) se reconhecem em sua humanidade comum e em sua capacidade de transformação.

Finalmente, em *Pedagogia do Compromisso* (2005), o compromisso ético-estético é pensado como uma experiência e atitude que conjugam escuta, cuidado e engajamento. A Didática se configura como uma práxis que articula o rigor ético à sensibilidade estética, abrindo espaço para uma humanização profunda das relações pedagógicas e para a construção conjunta do conhecimento. A corresponsabilidade ganha um viés de cuidado mútuo e de construção de sentido coletivo, evidenciando a dimensão relacional da Didática como prática de liberdade.

Dessa forma, o quadro evidencia que a Didática Crítica Dialógica Relacional se fundamenta em um compromisso que é ao mesmo tempo ético, político e estético, articulado a uma corresponsabilidade entre educadores(as) e educandos(as). Essa relação dialógica implica tanto o engajamento com o conhecimento quanto com os sujeitos que o produzem e o transformam, configurando o ensino e a aprendizagem como processos históricos, coletivos e profundamente humanos.

5 Considerações finais

Este estudo examinou os fundamentos da Didática na obra de Paulo Freire, destacando suas dimensões dialógica, relacional e compromisso como bases de um projeto político-pedagógico emancipatório. A partir da análise de oito obras centrais, as categorias diálogo, relação, compromisso e corresponsabilidade ético-estética foram identificadas como eixos que organizam sua compreensão da prática de ensino reafirmando a área como campo científico que articula reflexão teórica, método e intervenção pedagógica.

Na primeira seção, a centralidade do diálogo foi apresentada como fundamento ontológico e epistemológico da prática pedagógica, sustentando a ideia de que ensinar é um ato coletivo de construção do conhecimento científico, filosófico e artístico. A segunda seção aprofundou a dimensão relacional da educação, destacando a presença ativa do outro como condição de um processo formativo marcado pela escuta ativa, horizontalidade e reconhecimento mútuo. A terceira seção tratou da Didática do compromisso, compreendida como atitude e experiência ético-estética que vincula educadores(as) e educandos(as) em um projeto partilhado de transformação da realidade social.

Essas sínteses se articulam na construção de uma proposta pedagógica que entende a escola como território que agencia encontros, criação e reinvenção crítica do mundo. Em tempos de práticas desumanizantes e discursos autoritários, anunciar uma Didática Crítica Dialógica Relacional é reafirmar a esperança e o diálogo como atitudes constitutivas da existência e da educação comprometida com a justiça cognitiva e social.

Com isso, o estudo reinscreve a Didática como campo de investigação científica, de produção de conhecimento, de saberes docentes e práticas pedagógicas do cotidiano escolar que, ao integrar diálogo, relação e compromisso pautados na vertente freiriana, se configura como prática política, ética e estética, contribuindo para a formação de sujeitos históricos capazes de intervir para mudar a atual sociedade das desigualdades sociais. Espera-se que essa perspectiva inspire tanto a formação docente quanto as práticas educativas, favorecendo a construção de instituições de ensino comprometidas com a dignidade e a emancipação humanas.

Referências

- BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. A natureza criativa da didática decolonial poético-estética. In: URIBE, Álvaro Adiazola et al. (orgs.). **Natureza da criatividade**: cartografia de processos criativos. Salvador: Quarteto Editora, 2024. v. 3. p. 325-342.
- BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. Por uma poética decolonial no ensino superior: contribuições da Didática na formação de professores(as). **Revista Pedagógica**, Chapecó, v. 21, p. 115-130, 2019.
- BAZZO, Jilvania Lima dos Santos. Contribuições de Paulo Freire para o ensino da leitura e escrita: dimensão linguística. **Revista Docência e Cibercultura**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 191-206, 2021. DOI: 10.12957/redoc.2021.60147. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/re-doc/article/view/60147>. Acesso em: 1 mar. 2025.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Cláudio N. **Pedagogia do compromisso**: América Latina e educação popular. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 1985.
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez Editora, 2025.
- LIBÂNEO, José Carlos. Formação de professores e didática para desenvolvimento humano. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 2, p. 629-650, abr./jun. 2015.
- LONGAREZI, Andréa Maturano; PIMENTA, Selma Garrido; PUENTES, Roberto Valdés (org.). **Didática crítica no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2023.
- MELO, Geovana Ferreira; PIMENTA, Selma Garrido. Socialização profissional de docentes na universidade: contribuições teóricas para o debate. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 20, n. 43, p. 51-77, 2019. Disponível em:

<https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723820432019051>. Acesso em: 3 jun. 2025.

PIMENTA, Selma Garrido. Saberes pedagógicos e atividade docente. In: PIMENTA, Selma Garrido (org.). **Formação de professores: identidade e saberes da docência**. São Paulo: Cortez, 1999. p. 15-32.

Recebido em: 06/03/2025

Aprovado em: 22/09/2025

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE

Revista Linhas

Volume 27 - Número 63 - Ano 2026

revistalinhas.faed@udesc.br